



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cosmopoliticas-contracoloniais/>

Cosmopolíticas contracoloniais: como superar a religião como dispositivo colonial?

Rafael Araldi Vaz[1]

RESUMO: O presente ensaio foi provocado a partir de reflexões produzidas no contexto da mediação da mesa-redonda com o professor Renan Albuquerque (UFAM), em sua apresentação na ocasião do II Seminário Integrado de Educação e Direitos Humanos: afetividades e (bio)políticas dos povos originários da Amazônia e do Vale do Itajaí, ocorrido em 2023 na da FURB. Partindo de um diálogo com a pesquisa antropológica apresentada neste Seminário, acerca dos Sateré-Mawé, esse breve ensaio é um desdobramento e recorte das discussões empreendidas nesta ocasião. Focando, mais precisamente, em um debate com o campo da história da religião e da epistemologia da religião em perspectiva decolonial/contracolonial, procura-se analisar o papel do conceito de religião como dispositivo colonial sobre os povos subalternizados, particularmente indígenas, e como a cosmopolítica contracolonial pode contribuir como semântica e prática política que permite recolocar a centralidade do vocabulário nativo como máquina de guerra contra a colonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: religião; cosmopolítica; contracolonialidade; decolonialidade.

Countercolonial cosmopolitics: how to overcome religion as a colonial device?

ABSTRACT: This essay was prompted by reflections produced during the roundtable discussion with Professor Renan Albuquerque (UFAM), during his presentation at the II Integrated Seminar on Education and Human Rights: Affectivities and (Bio)Politics of the Indigenous Peoples of the Amazon and the Itajaí Valley, held in 2023 at FURB. Based on a dialogue with the anthropological



research presented at this seminar about the Sateré-Mawé, this brief essay is an extension and excerpt from the discussions undertaken on this occasion. Focusing more precisely on a debate with the fields of history of religion and epistemology of religion from a decolonial/countercolonial perspective, it seeks to analyze the role of the concept of religion as a colonial device for subalternized peoples, particularly Indigenous peoples, and how countercolonial cosmopolitics can contribute semantics and political practice that allows for the re-centralization of native vocabulary as a war machine against coloniality.

KEYWORDS: religion; cosmopolitics; countercoloniality; decoloniality

As primeiras experiências em dar forma ao outro colonial no Brasil, deu-se através da conceituação dos povos originários sob um guarda-chuva semântico bastante conhecido. Das muitas palavras empregadas, o conceito de *animismo* foi talvez uma das grandes contribuições da antropologia vitoriana para a construção de um invólucro que permitisse abrigar a diversidade de experiências “espirituais” ligada aos povos indígenas na América e Brasil. Do mesmo modo, outros tantos conceitos como *fetichismo* e *xamanismo* também possuem uma particular genealogia de aderência entre palavras eurocentradas e experiências coloniais (JOHNSON, 2011). O presente ensaio procura demonstrar algumas relações possíveis entre conceitos-chave construídos pelo colonialismo, atendo-se particularmente ao conceito de *religião* como dispositivo central para constituição dos sentidos e significados atribuídos às populações nativas no contexto do colonialismo e da manutenção da racionalidade colonial.

É possível afirmar que de um modo mais ou menos geral, um amplo conjunto de palavras (animismo, fetichismo, xamanismo, fanatismo, possessão/histeria, etc) passaram a gravitar no entorno de uma certa forma de definir os traços das práticas culturais nativas mediante o uso da categoria religião. A religião se converteu em um modo bastante naturalizado para se abordar o mundo colonial, seus povos, ritos e modos de vida. Em suma, este conceito passou a operar em dois tempos: no primeiro, em que a palavra religião define apenas os povos europeus como tendo religião e os demais como pagãos, fanáticos ou outros conceitos depreciativos; no segundo, em que a palavra religião passou a ser usada na modernidade tardia como expressão definidora de



certo atraso em relação ao mundo secularizado, particularmente após as revoluções burguesas europeias (PRADO, 2023). De um modo ou de outro, é certo que o conceito de religião operou como um dispositivo de guerra, como uma categoria que passava a converter os povos do universo colonial em religiosos ou não-religiosos, tão somente como marcador de contraposição ao modo de vida europeu, civilizado, científico e, portanto, secularizado.

Dito de forma mais clara, pode-se afirmar que mais do que orientar a leitura sobre as práticas culturais e ritualizações dos povos colonizados, o conceito de religião procurou se investir como um conceito central a definir o universo cultural de indígenas e negros na América e Brasil. Uma rede de significados que permitisse cobrir e governar um conjunto de práticas que sempre escaparam ao olhar do colonizador, somente apreensíveis por imagens universalizantes e externas ao contexto local. No que diz respeito aos povos indígenas, a religião foi duplamente colonizadora, na medida em que se converteu em instrumento de colonização das mentalidades e práticas culturais e, ao mesmo tempo, tornou-se um marcador para quem poderia ou não possuir o título de civilizado.

Em um estudo que realizei em minha tese de doutorado em História (VAZ, 2019), pude verificar como o emprego do conceito de religião pela Igreja Católica serviu ao propósito de distinguir práticas religiosas (entre finais do século XIX e as três primeiras décadas do século XX), compreendidas tão somente como cristãs, de experiências consideradas pelo discurso dos padres católicos como cultos perigosos, frutos da ignorância e da fanatização. O sertanejo, o caboclo, deste modo, passou a ser lido pelo discurso católico tão somente através das lentes do que a religião como categoria de aproximação e desvelamento era capaz de reconhecer.

A ciência médica, por sua vez, construiu um modo de observação em que os mesmos conceitos religiosos foram operados para definir o que as novas palavras da psiquiatria médica e antropologia evolucionista elaboravam a partir de empréstimos semânticos da religião (VAZ, 2019). As palavras fetichismo, xamanismo, canibalismo, possessão/histeria, fanatismo, dentre outras, foram construtos conceituais que circularam na forma de trocas entre religião e ciência durante boa parte do século XIX e primeira metade do século XX. O que esses empréstimos conceituais revelam é uma estratégia comum de aprisionamento linguístico com vistas a constituição de formas de governo sobre populações reativas ao processo colonialista e civilizador em curso.

Todavia, essa arqueologia das palavras e genealogia das formas de governo a elas vinculadas, permite-nos pensar sobre a urgência de um trabalho de destituição e reelaboração semântica dos povos colonizados. Neste sentido, o primeiro passo, se pretendemos nos desemaranhar da teia



semântica colonial, é abrirmos espaço para que epistemologias subalternas, sejam elas decoloniais ou contracoloniais, possam se proliferar na forma de sua própria multitude semântica, fortalecendo as redes de sentido que permitem reformular a epistemologia nativa desde baixo, ou como outros diriam, desde o sul. Abrir esse espaço não é tarefa simples, trata-se de um compromisso ao mesmo tempo político e epistemológico, que permite romper em nossa própria subjetividade os elos que nos prendem às correntes da colonialidade.

Como afirma Antonio Bispo dos Santos (2023), agir de modo contracolonial é uma estratégia que permite o aquilombamento das experiências herdadas do colonizador branco ocidental. Mas, de todo modo, é uma ação que está atrelada ao uso político da linguagem como instrumento de reelaboração das formas de pensamento e de uma gramática própria que permita fazer frente à gramática colonial, da qual palavras como o conceito de religião dão sustentáculo.

Uma alternativa que me parece bastante instrutiva, neste sentido, pode ser apontada por alguns antropólogos que realizaram a experiência de ouvir a voz de indígenas em seus próprios termos. Estudos como o de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015) são exemplos consistentes de como se pode partir da cosmovisão indígena para se abrir brechas nos dispositivos de captura do colonialismo. Mais do que romper com visões eurocentradas, é necessário criar estratégias epistemológicas que sejam informadas pelo próprio pensar e fazer indígena, negro ou quilombola. Para que se possa trincar as sólidas estruturas do colonialismo é necessário pensar e agir como a água, como rio, como as ondas que inspiram os cantos e a cosmovisão indígena e afrobrasileira. Pensar como água, como rio, como mata, como floresta, não significa metaforizar os elementos naturais como sustentáculo simbólico da luta política. Significa, fundamentalmente, compreender que é desmetaforizando os conteúdos linguísticos e as práticas indígenas, reconhecendo-as em sua literalidade, que se torna possível encaixá-las no campo da materialidade própria à vida, e sustentar o trabalho de uma cosmopolítica concebida pela sabedoria de criação e luta dos povos que a proclamam.

Neste sentido, o conceito de cosmopolítica contracolonial vem a contribuir como uma forma semântica que permite operar sentidos, significados e ideias-força que compõem o modo de ser das populações que resistem ainda hoje contra o colonialismo. Neste conceito vemos a potencialidade de restaurar a centralidade da gramática nativa em seus próprios termos, na medida em que se potencializa as relações entre modos de vida, pensamento e ação política. É assim, ao que me parece, que podemos enxergar melhor o significado do que o professor Renan Albuquerque (2016) nos apresentou no *II Seminário Integrado de Educação e Direitos Humanos*:



afetividades e (bio)políticas dos povos originários da Amazônia e do Vale do Itajaí, como sendo a prática dos Sateré-Mawé. Ao vermos, nas palavras de Renan, o pajé negociar com o peixe bagre a devolução das almas doentes, o que estes denominam de roubo de sombra, encontramos uma ação diplomática entre humanos e animais que compõe um modo cosmopolítico de conceber a cura de doenças, bem como a relação entre os diferentes seres que habitam a floresta.

Se a cosmopolítica nos informa, por sua vez, uma postura de reconhecimento da centralidade e da veracidade das formas de saber ancestral fornecidas por povos como os Sateré-Mawé, creio que possamos a partir dela fazer de nossas abordagens epistemológicas e de nossa cosmovisão uma visão outra, que permita uma compreensão que seja ao mesmo tempo reconhecimento e ação política. Reconhecimento, na medida em que nos tornamos aptos a sermos envolvidos por uma outra semântica, que nos ressubjetive, que nos desperte para outros entendimentos e nos inspire modos de vida outros. Ao mesmo tempo, ação política, na medida em que esta reconversão semântica e subjetiva nos permita agir e pensar em conformidade com o modo de vida dos subalternizados, tendo neles um ponto de referência política de resistência concreta e contraconduta epistemológica.

A esta altura deveríamos assinalar que a religião, como gramática funcional do colonialismo, como dispositivo colonial, portanto, deveria desaparecer no horizonte de uma nova epistemologia fundada na palavra ancestral. O que não significa, de modo algum, destituir a legitimidade dos cultos religiosos ou das garantias legais de operação destes, particularmente aqueles que sofrem perseguição constante como os de matriz afropindorâmica (SANTOS, 2023). Ao contrário, ao problematizarmos o conceito de religião como operador de uma racionalidade colonial, permitimos dar vazão ao vocabulário próprio às práticas culturais que se converteram historicamente em objeto da ação colonial e das epistemologias oriundas desta mesma racionalidade.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Renan; JUNQUEIRA, Carmen. **Brincando de onça e de cutia entre os Sateré-Mawé**. Alexa Cultural/Edua, SP-AM, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavra de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

JOHNSON, Paul Christopher. **Uma genealogia atlântica da possessão de espíritos**. Tradução: Gabriel



Banaggia. An Atlantic Genealogy of ‘Spirit Possession’. *Comparative Studies in Society and History* 53, no. 2. Michigan: University of Michigan, 2011, p. 393- 425.

PRADO, Abdénur. “Genealogía del monoteísmo” revisitada: siete notas para decolonizar la religión. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XVI, n. 47, Setembro/Dezembro, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.

VAZ, Rafael Araldi. **Deus e o Diabo no Sertão da Terra Firme**: imaginário, subjetivação e poder nas fronteiras do sagrado (Planalto Catarinense –1892-1920). [Tese de doutorado em História]. Florianópolis: UFSC, 2019.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/11/2025

[1] Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Email: araldivaz@gmail.com